

# As pratas da Princesa D. Isabel Luísa Josefa (1669-1690)

Isabel M. R. Mendes Drumond Braga\*

1. Do casamento do regente D. Pedro com D. Maria Francisca Isabel nasceu uma única filha<sup>1</sup>. A criança, posteriormente baptizada com o nome de Isabel Luísa Josefa, veio ao mundo a 6 de Janeiro de 1669, no Palácio da Corte Real, em Lisboa. A nova foi festejada com repiques de sinos, por uma acção de graças e por três dias de luminárias<sup>2</sup>, as quais correram a cargo da câmara. Na mesma ocasião, D. Pedro mandou perdoar as penas de açoites às mulheres que a eles fossem condenadas e estivessem presas por terem desrespeitado as posturas municipais<sup>3</sup>.

Segundo o conde de Povolide, a filha de D. Pedro e D. Maria Francisca Isabel era de “*singular formosura*”<sup>4</sup>, já para o padre António Vieira, evidenciando pensamentos do foro político, era “*muito benigna, muito discreta, muito vigilante, muito liberal e, sobretudo, muito favorecida do céu*”<sup>5</sup>. Na ocasião, o jesuíta pregou um sermão “*excelente*”<sup>6</sup>, na perspectiva de Saint Romain, embaixador de França em Portugal. O sermão do padre António Vieira foi particularmente revelador, enquanto peça da oratória político-religiosa de legitimação da nova dinastia e do poder de D. Pedro<sup>7</sup>. Procurou

\* Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. isabeldrumondbraga@hotmail.com.

<sup>1</sup> Sobre D. Pedro e D. Maria Francisca Isabel, cf. BRAGA, Paulo Drumond – *D. Pedro II. Uma Biografia*. Lisboa: Tribuna da História, 2006; LOURENÇO, Maria Paula Marçal – *D. Pedro II, o Pacífico (1648-1706)*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2006; BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond; BRAGA, Paulo Drumond – *Duas Rainhas em Tempo de Novos Equilíbrios Europeus. Maria Francisca Isabel de Sabóia. Maria Sofia Isabel de Neuburg*. [Lisboa]: Círculo de Leitores, 2011.

<sup>2</sup> [PAIXÃO, Frei Alexandre da] (1938-1939) – *Monstruosidades do Tempo e da Fortuna*. Nova edição, publicada sob a direcção de Damião Peres. Porto, F. Machado, 1938, vol. 1, p. 117.

<sup>3</sup> OLIVEIRA, Eduardo Freire de – *Elementos para a História* [...], vol. 7, 1894, p. 115.

<sup>4</sup> *Portugal, Lisboa e a Corte nos Reinados de D. Pedro II e D. João V. Memórias Históricas de Tristão da Cunha de Ataíde 1.º Conde de Povolide* (introdução de António de Vasconcelos de Saldanha e Carmen Radulet). Lisboa: Chaves Ferreira, 1990, p. 103.

<sup>5</sup> VIEIRA, António – *Sermam Gratulatorio e Panegyrico que pregou o padre ... Évora*: Oficina da Universidade, 1669, p. 19.

<sup>6</sup> Archive du Ministère des Affaires Étrangères – Quai d'Orsay (AMAE-Q'O), *Correspondance Politique. Portugal*, n.º 9, f. 179.

<sup>7</sup> PEREIRA, Ana Cristina Duarte – *Princesas e Infantas de Portugal (1640-1736)*. Lisboa: Colibri, 2008, pp. 35-36. Este sermão, tal como um outro por ocasião do primeiro aniversário da Rainha após o casamento com o regente D. Pedro, levou Saint-Romain, embaixador de França em Portugal, a escrever, em 1699, que o padre António Vieira, “*très célèbre en ce pays par ses prédications et par son rare savoir*”, estava para partir para Roma e pedir, através da intermediação de D. Maria Francisca Isabel, uma

responder a três interrogações, a propósito do nascimento da primogénita: quem louva? A quem louva? Porque louva? Começando por referir a alegria dos falecidos avós, que estariam no céu, deteve-se na importância do acontecimento na perspectiva familiar e, sobretudo, política ao escrever: “*a dor de parto é dor de mãe, a dor de não ter filhos é dor de mãe e mais do pai, ou dor dos que o desejam ser e não são [...] a dor do parto, como ponderou Cristo, é dor que se converte em alegria, a dor de não ter filhos é dor sem consolação, sem alívio, sem remédio [...]. Se Deus não nos dera sucessão, por muitas mercês que nos tenha feito, nenhuma coisa nos tinha feito, nenhuma coisa nos tinha dado [...]. Tinha-nos dado Deus o Reino, tinha-nos dado a paz, mas paz sem sucessor é guerra, reino sem sucessão é despojo*”<sup>8</sup>.

Poucas informações se encontram acerca da infância de D. Isabel Luísa Josefa. De qualquer modo, o secretário de Estado, Francisco Correia de Lacerda, mais do que uma vez informou Duarte Ribeiro de Macedo, estante em Paris, acerca da saúde e do crescimento da criança. Por exemplo, a 14 de Abril de 1670, escreveu que a Rainha tinha saído “*fora e levou consigo a Senhora Infanta com que se alegrou todo este povo*”<sup>9</sup>. A 5 de Janeiro de 1671, na véspera de completar dois anos, D. Isabel Luísa Josefa estava “*mui crescida e linda*”<sup>10</sup>, o mesmo acontecendo a 29 de Fevereiro do ano seguinte<sup>11</sup>.

A 20 de Janeiro de 1674, a Princesa, jurada pacificamente nas Cortes reunidas em Lisboa, herdeira presuntiva do trono<sup>12</sup>, foi uma das nove pessoas que, entre os séculos XIV e XVII, foram juradas mas não chegaram a reinar<sup>13</sup>. Contava cinco anos. No acto, D. Luís da Silva, bispo de Lamego, considerou estar-se então perante um juramento com duplo sentido, o habitual, que classificou como “*juramento político*”, e o novo, o “*juramento*

---

carta de recomendação ao Rei de França. O embaixador entendeu que o jesuíta era estimado pela Rainha de Portugal e que deveria ser alvo de boa vontade em Paris, pelo zelo e bons sentimentos que tinha pela pessoa do Rei e pela França. Mais acrescentou que Vieira tinha sido autor de dois sermões, traduzidos pelo padre Verjus, que muito haviam favorecido a Rainha de Portugal. Cf. AMAE-Q'O, *Correspondance Politique. Portugal*, n.º 8, f. 178v.

<sup>8</sup> António Vieira, *Sermam Gratulatorio* [...], pp. 9, 11, 13.

<sup>9</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), *Ministério dos Negócios Estrangeiros*, cx. 558, doc. 30.

<sup>10</sup> A.N.T.T., *Ministério dos Negócios Estrangeiros*, cx. 558, doc. 58.

<sup>11</sup> A.N.T.T., *Ministério dos Negócios Estrangeiros*, cx. 558, doc. 99.

<sup>12</sup> Francisco Correia de Lacerda, em carta a Duarte Ribeiro de Macedo, datada de 23 de Abril de 1674, escreveu: “*vieram a celebrar-se em 20 de Janeiro sem que houvesse a menor dificuldade ou controvérsia sobre o juramento da Senhora Infante*”. Cf. A.N.T.T., *Ministério dos Negócios Estrangeiros*, cx. 558, doc. 171.

<sup>13</sup> BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond; Braga, Paulo Drumond – “O Juramento dos Herdeiros do Trono em Cortes (séculos XIV-XVII)”, in *As Cortes e o Parlamento em Portugal. 750 Anos das Cortes de Leiria em 1254*. Lisboa: Assembleia da República, 2004, pp. 245-259.

*afectuoso*". Segundo o autor, o acto que então se vivia era ambivalente: "não só obrigam os vassallos aos Príncipes para o nosso respeito, mas também unem os Príncipes com os vassallos, para o seu amparo". O procurador de Lisboa, o Doutor José Pinheiro, salientou, por sua vez, as qualidades da Princesa: "esta pérola é o esmalte da nossa Coroa; esta rosa é a flor da nossa púrpura", para rematar: "em tudo é única esta Fénix, de que hão-de renascer as cinzas de tantos Reis portugueses". Cometeu um erro histórico, ao dizer que se jurava pela primeira vez uma mulher como herdeira do trono. Ignorância ou conveniência, sobretudo numa conjuntura em que não era oportuno lembrar que um dia Portugal jurara aceitar como Rainha uma Princesa, D. Beatriz, filha de D. Fernando I, depois rejeitada por se ter casado com o Rei de Castela<sup>14</sup>.

Sobre o aspecto físico de D. Isabel Luísa Josefa, sabemos que Carlos II de Inglaterra a considerava muito bonita, tendo em conta um retrato que recebera<sup>15</sup>, e que o marquês de Torcy a descreveu, em 1684, quando contava 15 anos, como grande, de boa estatura, cabelos louros, olhos azuis, nariz bem feito embora grande, boa tez e boca não pequena mas não desagradável, sobretudo quando estava fechada. Para o enviado de França, a Princesa era graciosa, doce, alegre, tinha um porte majestoso e era muito discreta. Falava muito bem francês e gostava de ouvir falar da Corte de Luís XIV<sup>16</sup>.

Desconhecemos pormenores da formação inicial dada à herdeira do trono. De qualquer modo, D. Águeda Maria Cardoso, mulher de Luís de Vargas, fidalgo da Casa Real, foi ama da Princesa. Segundo um dos biógrafos da filha do regente, a ama "ocultava várias indisposições que padecia por se conservar naquele ilustre ministério"<sup>17</sup>. A preocupação com a criação de D. Isabel Luísa Josefa foi visível até nos cuidados postos na

<sup>14</sup> PADILHA, Pedro Norberto d' Aucourt – *Memorias da Serenissima Princeza D. Isabel Luiza Jozefa, que foy jurada Princeza destes Reynos de Portugal*. Lisboa: Oficina de Francisco da Silva, 1748, pp. 89-105. O juramento foi objecto de notícia na *Gazette*, n.º 31, Paris, 17 de Março de 1674.

<sup>15</sup> RAU, Virgínia – "No Tricentenário do Casamento Real Anglo-Português de 1662". *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, n.ºs 27-28, Coimbra, 1961, p. 186. Outro retrato da princesa foi levado para o exterior. Efectivamente, em 1675, D. Maria Francisca Isabel enviou ao cardeal d'Estrées, seu tio, pela nau *Loreto*, capitaneada pelo genovês Giovanni Augustin, um retrato da Princesa sua filha. Cf. VALE, Teresa Leonor M. – *Diário de um Embaixador Português em Roma (1676-1678)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2006, p. 64.

<sup>16</sup> SERRÃO, Joaquim Veríssimo – "Uma Relação do Reino de Portugal em 1684". *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, Coimbra, 1962, vol. 25, p. 87.

<sup>17</sup> PADILHA, Pedro Norberto d' Aucourt – *Memorias da Serenissima Princeza* [...], p. 5. Sobre a ama cf. também [PAIXÃO, Frei Alexandre da] (1938-1939) – *Monstruosidades do Tempo* [...], vol. 3, pp. 46-47.

alimentação da ama antes e durante o período de aleitação<sup>18</sup>. Não podemos esquecer que a ama-de-leite, ao fornecer o alimento à criança, estava a ser responsável pela sua saúde presente e futura<sup>19</sup>.

É de esperar que, além de instrução elementar, fornecida por Francisco Maciel<sup>20</sup>, um mínimo de latim e o domínio pleno dos idiomas português e francês seria uma realidade, a par dos preceitos do cristianismo. Conhecimentos de história e de geografia, matérias imprescindíveis para o *métier* real, a par de conhecimentos sobre música, caça e equitação, completariam o quadro. Efectivamente, o padre d'Orléans forneceu informações neste sentido, mais acrescentando conhecimentos de castelhano e italiano, valorizando o papel da Rainha no ensino da história e do francês, de tal modo que a Princesa “*falava como se tivesse nascido em Paris*”<sup>21</sup>. Padilha foi mais longe e esclareceu que, além do domínio das línguas e da história, estudava estampas, dançava bem e tocava cravo<sup>22</sup>. Sabe-se igualmente que também apreciava montar e caçar, tendo sido festejada quando capturou um javali<sup>23</sup>.

Se pouco sabemos acerca do papel materno na educação dos príncipes, no caso em apreço, não podemos deixar de referir que, em 1670, D. Maria Francisca Isabel criticou a educação que D. Luísa de Gusmão dera aos filhos, nomeadamente a D. Afonso VI e a D. Pedro<sup>24</sup>, e fizera saber ao embaixador de França em Portugal, o marquês de Saint-Romain, “*qu'elle prendrait soin particulier de bien élever sa fille*”<sup>25</sup>. Por outro lado, o padre d'Orléans considerou que o nascimento da Princesa dera à mãe uma nova ocupação: “*elle se fit elle-même sa gouvernante et presque sa nourrice*”<sup>26</sup>.

<sup>18</sup> Bibliothèque National de France (BNF), *Fonds Portugais*, n.º 32, f. 78-78v.

<sup>19</sup> SIMÓN PALMER, María del Carmen – “El Cuidado del Cuerpo de las Personas Reales: de los Médicos a los Cocineros en el Real Alcázar”, in REDONDO, Agostin, dir. – *Le Corps dans la Société Espagnole des XVI<sup>e</sup> et XVII<sup>e</sup> siècles. Colloque International*. Paris: Publications de la Sorbonne, 1990, p. 120.

<sup>20</sup> PEREIRA, Ana Cristina Duarte – *Princesas e Infantas* [...], p. 52.

<sup>21</sup> ORLEANS, Pierre Joseph d' – *La Vita de Marie de Savoye Reine de Portugal et de l'Infante Isabelle sa Fille*. Paris: Pierre Balland, 1696, pp. 77-80.

<sup>22</sup> PADILHA, Pedro Norberto d' Aucourt – *Memorias da Serenissima Princeza* [...], p. 8.

<sup>23</sup> Biblioteca da Ajuda (BA), 49-III-50, f. 287-290 e 49-III-52, f. 96-96v.

<sup>24</sup> Também o conde de Assumar não considerou boa a educação dada por D. Luísa de Gusmão aos filhos. Cf. BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond; BRAGA, Paulo Drumond – *Duas Rainhas em Tempo de Novos Equilíbrios Europeus. Maria Francisca Isabel de Savoia. Maria Sofia Isabel de Neuburg*. [Lisboa]: Círculo de Leitores, 2011, p. 323. De qualquer modo, em 1662, quando a Rainha deu Casa própria ao infante D. Pedro, prescreveu o funcionamento da mesma, não omitindo aspectos relativos à educação, nomeadamente o estudo da língua latina. Cf. BRAGA, Paulo Drumond – *D. Pedro II. Uma Biografia* [...], pp. 53-54.

<sup>25</sup> AMAE-Q'O, *Correspondance Politique. Portugal*, n.º 10, f. 52-55v. Tradução: “*que ela tomaria particular cuidado com a educação da sua filha*”.

<sup>26</sup> ORLEANS, Pierre Joseph d' – *La Vita de Marie de Savoye* [...], p. 74. Tradução: “*A Rainha tornou-se a governanta da filha e quase a ama*”.

Um relativamente longo documento da lavra da Rainha D. Maria Francisca Isabel<sup>27</sup> deu a conhecer as principais preocupações daquela no que se refere à conduta de D. Isabel Luísa Josefa, enquanto mulher casada. Ora, se tivermos em conta os discursos sobre a educação do príncipe da Época Moderna, decorrentes dos novos ideais de educação preconizados pelas propostas pedagógicas dos humanistas, aliadas às estratégias de legitimação do poder, não poderemos deixar de notar que o texto da Rainha é pobre. Efectivamente, se a maioria dos textos então produzidos apresentou como fontes e modelos as Sagradas Escrituras, os autores clássicos e a tradição aristotélico-medieval, evidenciando as qualidades necessárias ao bom governante, com uma sistematização exaustiva das virtudes, cujo primado assentava na ideia de um rei justo e misericordioso, a par de uma feição pedagógica e didáctica<sup>28</sup>, o mesmo não aconteceu com as indicações fornecidas a D. Isabel Luísa Josefa pela mãe.

A Rainha dividiu o texto, de carácter normativo, dirigido à filha, em quatro partes: deveres para com Deus, para consigo própria, para com a família e, finalmente, para com os vassalos. Assim, D. Isabel Luísa Josefa deveria agir de acordo com a sua consciência, evitar pecar e, quando tal ocorresse, procurar imediatamente o confessor, fugir da lisonja, a “*peste das Cortes*”, orar frequentemente ao longo do dia – ao levantar, depois do jantar e antes de dormir –, ler obras espirituais<sup>29</sup> e confessar e comungar a

<sup>27</sup> Este documento foi conhecido no estrangeiro, pois os seus biógrafos dos séculos XVII e XIX referem-se-lhe. Cf. Orléans, Pierre Joseph d' – *La Vita de Marie de Savoye* [...], pp. 85-114; CLARETTA, Gaudenzio – *Vita di Maria Francesca Elisabetta di Savoia-Nemours Regina di Portogallo con Note e Documenti Inediti*. Turim: Tipografia Eredi Botta, 1865, p. 210. O mesmo fez o biógrafo da Princesa. Cf. PADILHA, Pedro Norberto d' Aucourt – *Memorias da Serenissima Princeza* [...], pp. 209-236.

<sup>28</sup> Sobre este tipo de obras, cf. SOARES, Nair de Nazaré Castro – *O Príncipe Ideal no século XVI e a Obra de D. Jerónimo Osório*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1994; BUESCU, Ana Isabel – *Imagens do Príncipe. Discurso Normativo e Representação (1525-49)*. Lisboa: Cosmos, 1996; Abreu, Ilda Soares de – *Simbolismo e Ideário Político. A Educação Ideal para o Príncipe Seiscentista*. Lisboa: Estar, 2000.

<sup>29</sup> Note-se que as obras espirituais estavam sempre presentes nas bibliotecas particulares de leigos e de eclesiásticos de então. Cf. MARQUILHAS, Rita – *A Faculdade das Letras. Leitura e Escrita em Portugal no século XVII*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2000, pp. 168-192; FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – *A Biblioteca de Jorge Cardoso (†1669), Autor do Agiológio Lusitano. Cultura, Erudição e Sentimento Religioso no Portugal Moderno*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2000, p. 18. Para Castela, cf. MARTÍNEZ PEREIRA, Ana – “Historia de la Formación y Evolución de las Bibliotecas”, in *Historia de la Edición y de la Lectura en España 1472-1914*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 2003, pp. 114-122; DADSON, Trevor J. – “Las Bibliotecas Particulares en el Siglo de Oro”, in *Historia de la Edición y de la Lectura en España 1472-1914*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 2003, pp. 123-132; REY CASTELAO, Ofelia – *Libros y Lectura en Galicia. Siglos XVI-XIX*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2003, pp. 135-155; M. CÁTEDRA, Pedro; ROJO, Anastasia – *Bibliotecas y Lecturas de Mujeres. Siglo XVI*. Madrid:

cada 15 dias. Entre os deveres para consigo mesma, contava-se o autocontrolo. Conseguido este, tudo o resto daí decorrente deveria funcionar bem. No que respeita aos deveres para com a família, a princesa deveria respeitar, amar e obedecer aos pais e ao marido, promover a harmonia familiar, nomeadamente entre a família do cônjuge e a sua, aplicar-se no conhecimento do “*génio*” da pessoa com quem se casasse e evitar desagradar-lhe, adaptando-se-lhe<sup>30</sup>. Para com os vassallos, D. Isabel Luísa Josefa deveria a todos respeitar e ser prudente, nomeadamente só tomando decisões e deferindo pretensões após se ter bem inteirado dos assuntos<sup>31</sup>. Ou seja, no quadro das virtudes, a herdeira do trono deveria ser uma cristã exemplar, uma esposa cuidadosa e uma governante prudente, o que, não destoando da tratadística sobre as virtudes do príncipe, também não se mostrou particularmente desenvolvido, pois apenas ressaltou que a futura Rainha deveria ser uma mulher cujo exemplo funcionasse como modelo.

D. Isabel Luísa Josefa foi, como todas as princesas e infantas, uma peça importante no jogo político internacional. Os vários projectos de casamento envolvendo a herdeira de Portugal nunca lograram êxito, não obstante os empenhos portugueses e franceses. Efectivamente, ao lermos a correspondência diplomática dos enviados e dos embaixadores do rei de França poderemos definir esta matéria como uma das obsessões de Luís XIV<sup>32</sup>. Apesar de ter tido algo como 17 candidatos à sua mão, uns mais consistentes do que outros<sup>33</sup>, a Princesa nunca casou. Porém, houve projectos mais próximos de se concretizarem, ao mesmo tempo que, em termos de “mercado matrimonial”, o valor de D. Isabel Luísa Josefa não foi sempre o mesmo, ao longo da vida. Duas fases são particularmente óbvias: do seu nascimento ao do seu meio-irmão, o príncipe D. João, futuro D. João V, e de então até à sua morte. Nestas duas fases há ainda que contar com o desaparecimento da mãe e com a inversão da tendência francesa a favor do Império então verificada

---

Instituto de Historia del Libro y de la Lectura, 2004, pp. 109-134; PRIETO BARNABÉ, José Manuel – *Lectura y Lectores. La Cultura del Impreso en el Madrid del Siglo de Oro (1550-1650)*. Mérida: Junta de Extremadura, 2004, vol. 1, pp. 131-160, 175-326.

<sup>30</sup> Eventualmente inspirada no colóquio VI, “La Mujer que se queja de su Matrimonio (*Mempsigamos*)”, de Erasmo. Cf. Erasmo de Rotterdam: *Coloquios*. Edición y traducción Pedro R. Santidrián. Madrid: Espasa Calpe, 2001, pp. 130-147.

<sup>31</sup> Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC), Cod. 504, f. 162-165.

<sup>32</sup> Sobre as diversas negociações matrimoniais, cf. BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond; BRAGA, Paulo Drumond – *Duas Rainhas em Tempo de Novos Equilíbrios Europeus* [...], pp. 88-110.

<sup>33</sup> FARGES, Louis – *L'Infante Isabelle de Portugal et ses Dix-sept Prétendants (1669-1690)*. Paris: Tipografia Plon-Nourrit, 1907.

em Portugal, o que desde logo começou a perspectivar novas possibilidades, particularmente desenvolvidas na segunda etapa de vida da Princesa<sup>34</sup>.

Com a morte de D. Maria Francisca Isabel, em Dezembro de 1683, a questão do casamento da Princesa passou para segundo plano. Ou seja, a prioridade portuguesa era agora o enlace de D. Pedro II, rei viúvo. Mesmo assim, o marquês de Torcy, estando em Portugal, ainda durante o luto pela Rainha, fez saber que o pai desejava unir D. Isabel Luísa Josefa à Casa de Neuburg<sup>35</sup>. Não obstante, foram-se perfilando antigos e novos candidatos à sua mão. O casamento de D. Pedro II com D. Maria Sofia Isabel e o nascimento de vários filhos do casal, nomeadamente os príncipes D. João, a 30 de Agosto de 1688, que morreu 18 dias depois e, sobretudo, de D. João, futuro D. João V, a 22 de Outubro de 1689 – a que se seguiram os infantes Francisco, António, Teresa, Manuel e Francisca, todos estes após a morte de D. Isabel Luísa Josefa – fizeram com que único fruto do enlace de D. Pedro e D. Maria Francisca Isabel perdesse interesse no “mercado matrimonial” europeu. Começou então a segunda fase na procura de um noivo, já vislumbrada a partir da morte da mãe. A antiga Princesa, então despromovida a Infanta, acabou por morrer solteira, a 21 de Outubro de 1690, às 21 horas, sob os olhares atentos dos sucessivos embaixadores franceses que relataram pormenorizadamente a sua doença e morte<sup>36</sup>. Tinha 21 anos.

2. Desconhece-se o património de D. Isabel Luísa Josefa, com excepção da cópia de um inventário das pratas da infanta, as quais passaram, por sua morte, para a madrastra, a Rainha D. Maria Sofia Isabel, por ordem de D. Pedro II. É esse documento que seguidamente nos ocupará. Começemos por chamar a atenção para o facto de a historiografia portuguesa pouca atenção ter prestado ao estudo dos inventários de bens, apesar da variedade e qualidade destas fontes. Efectivamente, quer os que foram realizados em certos momentos da vida das pessoas, como por exemplo por ocasião do casamento ou da necessidade de venda de certos bens, quer os inventários *post mortem* – caso do das pratas de D. Isabel Luísa Josefa –, quer ainda os que foram elaborados pelo Tribunal do Santo Ofício da Inquisição<sup>37</sup>, só recentemente

<sup>34</sup> Cf. BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond; BRAGA, Paulo Drumond – *Duas Rainhas em Tempo de Novos Equilíbrios Europeus* [...], pp. 275-283.

<sup>35</sup> SERRÃO, Joaquim Veríssimo – “Uma Relação do Reino [...]”, p. 87.

<sup>36</sup> AMAE-Q’O, *Correspondance Politique. Portugal*, n.º 27, f. 275, 296v., 386v., 391v., 393, 407, 424, 429, 431v.-432. Sobre a morte de D. Isabel Luísa Josefa, cf. PEREIRA, Ana Cristina Duarte – *Princesas e Infantas de Portugal* [...], pp. 114-117, 121-122 e 124.

<sup>37</sup> BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond – *Bens de Hereges. Inquisição e Cultura Material (Portugal e Brasil, séculos XVII e XVIII)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

suscitaram interesse por parte dos investigadores, em especial dos domínios da história da arte e da história social, não obstante a publicação de alguns destes documentos datar de há muito. Encontram-se, assim, inventários relativos a membros da família real<sup>38</sup>, a pessoas da nobreza<sup>39</sup>, a diversos

<sup>38</sup> Foram publicados e estudados alguns inventários relativos à realza. Para o século XVI, cf. por exemplo a divulgação de vários relativos aos bens da Rainha D. Catarina de Áustria, bem como os resumos de muitos documentos guardados na Torre do Tombo, estudados por Annemarie Jordan Gschwend. Cf. JORDAN, Annemarie – *The Development of Catherine of Austria's Collection in the Queen's Household: His Character and Cost*. 2 v., Washington: Brown University, 1994. A mesma autora tem vindo a repetir, e em alguns casos chegou a antecipar, estas informações em diversos trabalhos. Cf., por exemplo, IDEM, “Catarina de Áustria: Coleção e Kunstkammer de uma Princesa Renascentista”. *Oceanos*, Lisboa, 1993, vol. 16, pp. 62-70; IDEM, “As Maravilhas do Oriente: Coleções de Curiosidades Renascentistas em Portugal”, in *A Herança de Rauluchantim*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses; Misericórdia de Lisboa, 1996, pp. 82-127; IDEM, “Os Produtos Exóticos da Carreira da Índia e o Papel da Corte Portuguesa na sua Difusão”, in *Nossa Senhora dos Mártires. A Última Viagem*. Lisboa: Expo 98, Verbo, 1998, pp. 123-141; IDEM, “Queen of the Seas and Overseas Dining at the Table of Catherine of Austria, Queen of Portugal”, in OREY, Leonor d’ (coord.) – *Mesas Reais Europeias. Encomendas e Ofertas / Royal and Princely Tables of Europe. Commissions and Gifts / Tables Royales en Europe. Commandes et Cadeaux*. Lisboa: Instituto Português de Museus, 1999, pp. 14-43. Para os séculos XVII e XVIII, cf. RAPOSO, Hipólito – *D. Luísa de Gusmão*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1947, pp. 405-410; RAU, Virgínia – *Inventário de Bens da Rainha da Grã-Bretanha D. Catarina de Bragança*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1947; RAU, Virgínia; NUNES, Eduardo Borges (ed. e introd.) – *Inventario Post Mortem del-Rei D. Pedro II*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura; Centro de Estudos Históricos anexo à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1969; “Inventário das Jóias que deixou a Rainha D. Maria Ana de Áustria, Mulher de el-rei D. João V”, *As Gavetas da Torre do Tombo*, vol. 6, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1967, pp. 257-325; *Cartas da Rainha D. Mariana Vitória para a sua Família de Espanha*, apresentadas e anotadas por Caetano Beirão. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1936, pp. 319-340; BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond; BRAGA, Paulo Drumond – “As Jóias de D. Pedro e D. Maria, Príncipes do Brasil em 1765: Cor, Brilho e Exotismo na Corte”. In REIS, Maria de Fátima (coord.) – *Rumos e Escrita da História. Estudos em Homenagem a A. A. Marques de Almeida*. Lisboa: Colibri, 2007, pp. 287-309.

<sup>39</sup> Vejam-se alguns inventários de bens de nobres, como por exemplo SOUSA, Maria Teresa de Andrade e – *Inventário dos Bens do Conde de Vila Nova D. Luís de Lencastre. 1706*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1956; GUERRA, Luís de Bivar – *Inventário e Sequestro da Casa de Aveiro*. [S.l.]: Arquivo do Tribunal de Contas, 1952; IDEM, *Inventário e Sequestro das Casas de Távora e Atouguia em 1759*. Lisboa: Arquivo do Tribunal de Contas, 1954; NORTON, Manuel Artur – *D. Pedro Miguel de Almeida Portugal*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1967, pp. 273-344; COSTA, Marcus de Noronha da – “Relação de Bens Móveis do Inventário do Último Vice-Rei do Brasil”. In *Studium Dilectum. Colectânea de Homenagem ao Prof. Doutor Justino Mendes de Almeida pelo 50.º Aniversário de Actividade Científica*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1999, pp. 265-289; CARITA, Rui – “A Nobreza da Madeira nos inícios do século XVIII. O Inventário de Bens do Capitão-Cabo Pedro de Faria e Abreu”. *Islenha*, n.º 31, Funchal, 2002, pp. 46-54. Veja-se o tratamento de diversos inventários realizado por SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – “A Joalheria Portuguesa dos séculos XVIII e XIX à luz da Documentação”, *Museu*, IV série, n.º 3, Porto, 1995, pp. 115-186; IDEM, *A Joalheria em Portugal: 1750-1825*. Porto: Civilização, 1999; IDEM, “Objectos Preciosos e Representação das Elites da Corte Portuguesa de Setecentos”, *Armas e Troféus. Revista de História, Heráldica, Genealogia*



membros do clero<sup>40</sup> e a indivíduos de outros grupos sociais, particularmente dos que poderíamos definir como pertencentes ao “estado do meio”<sup>41</sup>.

e *Arte*, 9.<sup>a</sup> série, Lisboa, 2002-2003, pp. 229-252; IDEM, *A Ourivesaria da Prata em Portugal e os Mestres Portuenses. História e Sociabilidade (1750-1810)*. Porto: Edição do Autor, 2004; IDEM, “Ouro, Prata e outras Riquezas Setecentistas numa Herança da Baía (Brasil)”, *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*, 1.<sup>a</sup> série, vol. 3, Porto, 2004, pp. 293-316; IDEM, “Pratas e Jóias dos 1.<sup>os</sup> Barões de Ancede”, *O Tripeiro*, 7.<sup>a</sup> série, n.º 1, Porto, 2004, pp. 10-13 (alguns destes trabalhos foram feitos com base em inventários orfanológicos); BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond – “O Património Pessoal de D. Henriqueta da Cunha, Terceira Marquesa de Alorna (1757-1829)”, in *Vivências no Feminino. Poder, Violência e Marginalidade nos séculos XV a XIX*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, pp. 181-200; IDEM, “Para o Estudo do Património do Comendador de Santa Maria de Pernes, D. Henrique de Portugal: a Carta de Partilhas de D. Ana de Ataíde (1626)”, *Revista de Artes Decorativas*. Porto, 2007, vol. 1, pp. 161-182. Sobre a posse de livros com base nos inventários *post mortem*, quer por parte de membros da nobreza quer de outros grupos sociais, cf. SILVA, Maria Beatriz Nizza da – *A Cultura Luso-Brasileira. Da Reforma da Universidade à Independência do Brasil*. Lisboa: Estampa, 1999, pp. 129-150.

<sup>40</sup> LOPES, Maria de Jesus dos Mártires – *Epistolário de um Açoriano na Índia: D. António Taveira da Neiva Brum da Silveira (1750-1775)*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1983, pp. 167-174 e 187-190; RODRIGUES, Manuel Augusto – *Biblioteca e Bens de Francisco de Lemos e da Mitra de Coimbra*. Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra, 1984; MOURINHO, António Rodrigues – “O Bispo D. frei João da Cruz e a sua Acção como Bispo do Rio de Janeiro. O Convento da Conceição e Inventário dos Bens Móveis do Prelado”, in *Relaciones Artísticas entre la Península Ibérica y América. Actas del v. Simpósio Hispano-Portugués de Historia del Arte*. Valladolid: Universidad de Valladolid, 1990, pp. 253-256; OLIVEIRA, Maria do Rosário Álvaro de Oliveira Mendes de – *D. Francisco de Castro e o Morgado do ‘Menor’ D. João de Castro Telles de Meneses Henriques (1641-1654)*, 2 vf. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História Moderna apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2000.

<sup>41</sup> PIRES, A. Thomaz – “Materiaes para a Historia da Vida Urbana Portuguesa. A Mobília, o Vestuário e a Sumptuosidade nos Séculos XVI a XVIII”. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 16.<sup>a</sup> série, n.º 12, Lisboa, 1897, pp. 703-811; FERREIRA, Godofredo – *Um Ricaço Lisboaeta do século XVII. Inventário de seus Bens*. Lisboa: [s.n.], 1959; FORJAZ, Jorge P. – “O Inventário dos Bens de Francisco de Ornelas da Câmara”. *Atlântida*, vol. 23, n.º 1, Angra do Heroísmo, 1979, pp. 101-122; FARIA, Sheila de Castro – *A Colônia em Movimento. Fortuna e Família no Cotidiano Colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998; ARAÚJO, Maria Lucília Viveiros – “Os Interiores Domésticos após a Expansão da Economia Exportadora Paulista”. *Anais do Museu Paulista*, nova série, vol. 12, São Paulo, 2004, pp. 129-160; CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da – “A Arte de Bem Viver”. *A Encenação do Quotidiano na Azulejaria Portuguesa da segunda metade de Setecentos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2005, pp. 374-377; SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e “A Casa da Trindade (no Porto), de António Bernardo Ferreira, e os seus Bens Móveis”, Separata de *I.º Congresso Internacional Casa Nobre – Um Património para o Futuro*. Arcos de Valdevez: Câmara Municipal, 2007; ANTUNES, Luís Frederico Dias – “Alguns Interiores Domésticos nos Inventários de Mercadores Lisboaetas: uma Avaliação do Valor Simbólico dos Objectos Asiáticos”, in MENESES, Avelino de Freitas de; COSTA, João Paulo Oliveira e (coord.) – *O Reino, as Ilhas e o Mar Oceano. Estudos em Homenagem a Artur Teodoro de Matos*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar; Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2007, pp. 751-769; BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond – “Investir para Consolidar uma Imagem: os Bens de Duarte Borges da Câmara, juiz da alfândega de Ponta Delgada”. *Islenha*, n.º 42, Funchal, 2008, pp. 111-121; IDEM, “O Vestuário

Apesar de alguns problemas metodológicos e conceptuais inerentes ao estudo destas fontes – nomeadamente a eventual e propositada omissão de dados; a representatividade, pois, por vezes, a amostragem é obtida ao acaso; a distorção introduzida por factores como a idade e a situação matrimonial, em particular no caso dos viúvos, cujo património já sofreu divisões, e o facto de o inventário dar conta das existências num certo momento e não do fluxo do consumo –, é geralmente aceite que a análise deste tipo de documentação permite conhecer a cultura material e as práticas do quotidiano, avaliar as diferenças sociais patentes nos níveis de vida e modelos de consumo dos possuidores de bens móveis e imóveis, facilitando as pertinentes comparações dos graus de riqueza entre pessoas do mesmo estatuto, entre residentes na cidade e no campo e entre gente de grupos sociais diferentes<sup>42</sup>.

Ora, no caso do inventário *post mortem* dos bens de D. Isabel Luísa Josefa apenas resta uma cópia relativa às pratas. Os restantes bens, nomeadamente os móveis e as roupas, não foram incluídos, apesar de se lhe fazerem referências. O património argentário da Princesa era vasto, compreendendo peças de tipologias diversificadas. Nele se podem encontrar, como seria de esperar em relação a uma pessoa da família real de então<sup>43</sup>, peças destinadas ao serviço de mesa, à higiene pessoal, à iluminação e até à decoração. Entre as existências contam-se objectos de prata branca e de prata dourada, uns lisos, outros decorados de formas diversas, alguns com as armas reais, uns de proveniência nacional, outros obtidos no estrangeiro. Neste último caso, é de destacar um conjunto de peças provenientes do

---

e a Casa dos Mercadores Portugueses Seiscentistas: Simplicidade ou Luxo?” *Semata. Ciências Sociais e Humanidades*, vol. 21, Santiago de Compostela, 2009, pp. 141-165.

<sup>42</sup> Sobre os problemas de análise deste tipo de fontes, cf. as reflexões de YUN CASALILLA, Bartolomé – “Inventarios *post-mortem*, Consumo y Niveles de Vida del Campesinado del Antiguo Régimen. Problemas Metodológicos a la Luz de la Investigación Internacional”, in *Consumo, Condiciones de Vida y Comercialización. Cataluña y Castilla, siglos XVII-XIX*. [S.l.]: Junta de Castilla y León, 1999, pp. 27-40; RAMOS PALENCIA, Fernando Carlos – “Una Aproximación al Consumo en el Mundo Rural Castellano a través de los Inventarios Post-Mortem: Palencia, 1750-1840”, in *Ibidem*, pp. 107-131.

<sup>43</sup> Sobre as pratas do Período Moderno, cf. SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – “Elementos para a História da Ourivesaria no Porto no século XVIII”. *Poligrafia*, n.º 5, Porto, 1996, pp. 95-102; IDEM, *A Joalharía em Portugal: 1750-1825*. Porto: Civilização, 1999; IDEM, “Objectos Preciosos e Representação das Elites da Corte Portuguesa de Setecentos”. *Armas e Troféus. Revista de História, Heráldica, Genealogia e Arte*, 9.ª série, Lisboa, 2002-2003, pp. 229-252; IDEM, *A Ourivesaria da Prata em Portugal e os Mestres Portuenses. História e Sociabilidade (1750-1810)*. Porto: Edição do Autor, 2004; IDEM, “Ouro, Prata e outras Riquezas Setecentistas numa Herança da Baía (Brasil)”. *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*, 1.ª série, vol. 3, Porto, 2004, pp. 293-316; IDEM, “Pratas e Jóias dos 1.ºs Barões de Ancede”. *O Tripeiro*, 7.ª série, n.º 1, Porto, 2004, pp. 10-13.

Império, que aparecem sob a designação de prata da Alemanha, as quais constituíram um presente de D. Maria Sofia Isabel: “*Hum toucador que Sua Magestade a Rainha Nossa Senhora deu a Senhora Infante que Deos tem e nelle as peças seguintes todas douradas a saber hum espelho com a moldura de prata lavrada duas caixas grandes quadradas com seus pés quatro caixas mais piquenas sextavadas humas e outras lavradas huma tigella com sua tapadoura e azas hum profumador com tapadoura e seu cabo de pao dous frasquinhos sextavados com suas tapadouras hum prato ovado e seu jarro dous castiças e dous pratos mayores e dous mais piquenos duas bandeginhas sextavadas dous pires ovados com seus pes huma faca com cabo de prata e hua colher do mesmo dous copos com suas tapadouras huma salva com seu pe hum garfo e huma tizoura de espivitar com sua salva huma campainha e hum saleiro sem tapadoura todas as peças sobreditas he a mesma obra*”<sup>44</sup>.

D. Isabel Luísa Josefa era dona de um conjunto de peças destinadas à preparação e apresentação dos alimentos. A saber: alguidares, bacias, bandejas, boleiras, chocolateiras, cestos, confeitadeiras, escalfadores, frascos, fruteiros, galhetas, oveiros, panelas, pratos, púcaros, saleiros, salvas, tabuleiros, talheres e tigelas. Para a iluminação e aquecimento dos seus espaços contava, respectivamente, com diversos castiçais, candeeiros e veladores, além de braseiros, esquentadores de cama e diversas peças de lareira. Os cuidados de higiene e saúde eram administrados com recurso a pratos e bacias de água às mãos com jarro ou gomil, toucadores compostos por caixas e frascos de vários tamanhos e feitios, escovas, espelhos e perfumadores. Tigelas de sangria, cuspideiras, retretes de cama e vasos eram igualmente de prata. Para a decoração dos aposentos, a Princesa contou com uma cruz com crucifixo, espelhos, jarras, molduras, canastri-nhas, naus e figuras diversas. Os escritórios faziam igualmente parte dos objectos de prata de que dispunha. De notar que, na maioria dos casos, foram arrolados vários exemplares, de diferentes tamanhos e formas, das diversas tipologias de peças.

Em suma, o inventário das pratas da Princesa revela quantidade, qualidade e diversidade, deixando entrever o luxo em todos os ambientes, nomeadamente à mesa, na iluminação e decoração dos espaços, mas também no que se refere aos cuidados do corpo. Requite e conforto pautaram, naturalmente, o quotidiano de D. Isabel Luísa Josefa, durante os curtos 21 anos da sua existência.

<sup>44</sup> BNF, *Fonds Portugais*, n.º 32, f. 209.

**Doc. 1**

**1692, Dezembro, 28 – Lisboa – Cópia de um inventário das pratas de D. Isabel Luísa Josefa as quais, por morte da Infanta, passaram para a Rainha D. Maria Sofia Isabel, mulher de D. Pedro II.**

Paris, Bibliothèque National de France, *Fonds Portugais*, n.º 32, f. 202-209v.

/f. 202/ Manoel de Carvalho a quem estão carregadas as joyas prata roupa e tudo mais da infante minha filha que Deos tem o entregue a ordem da Rainha minha sobre todas muito amada e prezada molher e constando have llo feito por este decreto somente se lhe descarregara no livro da sua receita. Lisboa 19 de Dezembro de 1692. Com a rubrica de Sua Magestade.

Mandando a Raynha nossa Senhora vir o livro em que estavam carregadas as joyas prata e mais couzas que ficarão da Senhora Infante que Deos tem ao guarda joyas Manuel de Carvalho por mim Bartolomeu de Andrade contador dos contos do Reino e caza para haver de entregar o que ainda estava em seu poder como Sua Magestade ordena pello decreto asima entregou o dito guarda joyas as peças e mais couzas seguintes por esta maneira:

Hum oveyro de filegrana de prata dourado carregado e confrontado no livro das joyas a f. 96v.

Hum escrinorinho de prata filegrana carregado e confrontado a f. 97 do dito livro.

Huma canastrinha de verga de prata carregada e confrontada as ditas f. 97.

Duas laminas com suas molduras de prata branca e dourada com as armas reais com as caixas que são as mesmas confrontadas e carregadas a f. 99 do dito livro.

/f. 202v./ Huma caixa de toucador piqueno de couro vermelho guarnecido com feragens de latão dourado forrado de veludo verde com galão de couro e dentro nella entregou as duas salvas ovadas e dous castiças e caixa de prata redonda tudo dourado carregado e confrontado a f. 99v. do dito livro.

Hum prato de agoa as mãos com seu gomil carregado e confrontado no dito livro a f. 100v.

Duas salvas lizas outrosi carregadas e confrontadas as ditas f. 100v do dito livro.

Doze pratos piquenos de trinchar outrosy carregados e confrontados a f. 101 do dito livro.

Seis pratos de meya cozinha outrosy carregados e confrontados a f. 101 do dito livro.

Duas tigellas com suas tapadouras e cordões outrosy carregadas e confrontadas a f. 101 do dito livro.

Tres colheres e tres garfos e tres cabos com ferros de facas tudo carregado e confrontado a f. 101v. do dito livro.

Hum talher triangolo com todas as suas peças /f. 203/ com as armas reais outrosy carregado e confrontado a f. 102 do dito livro e todas estas peças asima começadas do prato e gomil thé aqui he dourada.

Prata sem ser dourada

Huma bacia grande redonda de prata carregada e confrontada a f. 103 do dito livro.

Dous escalfadores com suas tapadoras outrosy carregados e confrontados a f. 102v. do dito livro.

Hum esquentador de cama com sua tapadura outrosy carregado e confrontado a f. 102v.

Huma tigella de sangria de pes com sua tapadura carregada e confrontada a f. 103 do dito livro.

Duas tigelinhas de sangria de braço com seus dous pratos, carregados e confrontados a f. 103 do dito livro.

Huma bacia de cabeseira de cama de cuspir confrontada e carregada a f. 103v.

Huma cuspeira piquena de mão com seu cabo carregada e confrontada a f. *ut supra*.

/f. 203v./ Duas bacias de retrete de cama com seus cabos carregadas e confrontadas a f. 104 do dito livro.

Duas bacias de retrete de tripeça carregadas e confrontadas a f. *ut supra*.

Huma bacia piquena e redonda carregada e confrontada a f. 104v.

Huma bacia ovada com sua aza outrosy carregada e confrontada a f. *ut supra*.

Hum frasco para agoa chato ao modo de queijo com sua tapadura de taracha carregado e confrontado a f. 104v.

Huma chicolateira com sua tapadura carregada e confrontada no livro a f. 105.

Hum brazeiro de quartellas piqueno carregado e confrontado a f. *ut supra*.

Hum brazeiro grande e ovado que se fez em Holanda e he o mesmo confrontado e carregado a f. 105v. do dito livro.

/f. 204/ Huma nao que he a mesma contheuda e confrontada a f. *ut supra*.

Quatro figuras douradas com seus ramalhetes nas mãos e são as mesmas carregadas e confrontadas as ditas f. 105v.

Quatro jarras para flores com suas azas douradas e são as mesmas carregadas e confrontadas a f. 106 do dito livro.

Outra nao de prata outrosy carregada e confrontada a f. *ut supra*.

Duas figuras douradas com seus ramalhetes nas mãos outrosy carregadas e confrontadas a f. *ut supra*.

Duas galhetas obra da China que são as mesmas carregadas a f. 106v. do dito livro.

Hum pucaro com sua tapadura esmaltado que he o mesmo carregado e confrontado a f. *ut supra*.

Dous piviteiros que são os mesmos carregados e confrontados a f. *ut supra* do dito livro.

/f. 204v./ Huma bandeja grande que he a mesma e com os mesmos remates que esta carregada e confrontada a f. 109 do dito livro.

Duas salvas de prata douradas que são as mesmas carregadas e confrontadas a f. 109v.

Hum talher de prata dourado uzado com as mesmas peças com que esta confrontada e carregada a f. 108 do dito livro.

Dous castiões de prata dourados a franceza que são os mesmos carregados e confrontados a f. *ut supra*.

Huma pia de agoa benta que he a mesma carregada e confrontada a f. 108v.

Hum prato de agoa a mãos com tres tigelinhas de sangria carregado e confrontado a f. *ut supra*.

Hum esquentador de cama lizo que he o mesmo carregado e confrontado a f. 108v.

Huma bacia redonda de cuspir com quatro gollas que he a mesma confrontada e carregada a f. 109.

/f. 205/ hum prato de agoa as mãos lizo com chapa de taraxa no meyo com seu jarro tudo carregado e confrontado a f. *ut supra*.

Hum brazeirinho de prata piqueno que he o mesmo carregado e confrontado a f. *ut supra* do dito livro.

Huma chicolateira com sua tapadoura que he a mesma contheuda e carregada a f. 109v.

Huma panella lisa com aza e armas que he a mesma carregada e confrontada a f. *ut supra*.

Huma bacia de retrete liza que he a mesma confrontada e carregada a f. *ut supra*.

Huma tigela com sua tapadoura e argolla que he a mesma carregada e confrontada a f. 110.

Huma boleira com sua tapadoura e huma thesoura com sua cadea tudo de prata que he a mesma carregada e confrontada a f. 110 do dito livro.

Huma bandeja de bocados liza piquena que he a mesma carregada e confrontada a f. *ut supra*.

/f. 205v./ outra bandejinha também de bocados liza que he outroosy carregada a f. *ut supra* do livro.

Hum escalfador lizo e uzado que he o mesmo confrontado e carregado a f. 110v.

Hum alguidarinho lizo que he o mesmo confrontado e carregado a f. *ut supra*.

Hum perfumador ovado com buracos por sima que he o mesmo carregado e confrontado a f. *ut supra*.

Huma tigella liza com sua tapadoura e argolla que he a mesma confrontada e carregada a f. *ut supra*.

Hum fruteiro lavrado de folhagem com seu pe de tarraxa que he o mesmo confrontado e carregado a f. 111.

Hum pucarinho com suas azas e tapadoura e amasos que he o mesmo confrontado e carregado a f. 111.

Hum pucarinho liso com azas que he o mesmo carregado e confrontado a f. 111.

/f. 206/ hum saleiro de verdugada que he o mesmo confrontado e carregado a f. *ut supra*.

Huma bacia de sangria de pes uzada que he a mesma carregada e confrontada a f. 111v.

Huma tigelinha lisa que he a mesma confrontada e carregada a f. *ut supra*.

Outro pires a modo de bandejinhas com cinco tigelinhas lizas tudo he o mesmo que esta carregado e confrontado a f. 112.

Hum retrete de cama com sua aza que he o mesmo confrontado e carregado a f. *ut supra*.

Dous candieiros grandes de parede que constão de quatro chapas ovadas e lavradas com seus brasos serpentinas e esferas e o mais que se declara na receita delles que esta no dito livro a f. 112v.

Os outros dous candieiros mais piquenos com os brasos e cerpintinas no meyo que são outroosy os mesmos carregados a f. *ut supra* do dito livro.

/f. 206v./ Huma bacia ovada com huma golla e hum jarro dourado tudo e são os mesmos confrontados e carregados a f. 112v. do dito livro.

Hum toucador de raiz de oliveira guarnecido com os cantos inteiros chaga no meyo

e fechadura tudo de flores transparentes e o bofete em que o dito toucador esta de huma gaveta e dentro nelle que he o toucador as peças seguintes a saber o espelho, duas escovas negras huma grande e outra piquena engastadas em prata hum prato e hum jarro delle lavrado de sifras duas salvas ovadas com seus pés duas caixas grandes iguais outra menor dos alfinetes outra caixa de pos outavada duas caixas redondas e iguais hum frasquinho quadrado com sua tapadoura duas peças com seus cantos que servem de embrulhar fitas e tudo he o mesmo carregado e confrontado na receita a f. 113.

Hum taboleiro de prata branco lavrado de flores que he o mesmo carregado e confrontado a f. 113v.

Hum sesto de prata branco sercado de verguinha que he o mesmo carregado e confrontado a f. *ut supra*.

Dous vasos ovados e lizos com seus pés e azas e são os mesmos carregados e confrontados a f. 113v.

/f. 207/ Huma cuspeira de prata com sua tapadoura carregada e confrontada a f. *ut supra*.

Huma salva de meias canas dourada que he a mesma carregada e confrontada a f. 114.

Outra salva liza dourada por dentro outrosy carregada e confrontada a f. *ut supra*.

Huma escrivaninha de prata com todas as peças declaradas e confrontadas no asento da receita f. *ut supra* excepto a campainha que não entregou e alem do carregado entregou com a dita escrivaninha hum sinete com as armas reaes e cabo de christal.

Huma salva de espivitar com seu cabo e thizoura com cadea carregada e confrontada a f. *ut supra*

Hum brazeiro grande de prata com as mesmas peças e bacia com que esta carregado e confrontado a f. 114v.

Seis frasnenguinhas de prata lizas confrontadas e carregadas a f. *ut supra*.

/f. 207v./ Hum toucador em huma caixa de couro vermelho forrada de veludo verde por dentro guarneçada de galão d'ouro e nella as peças de prata dourada seguintes duas caixas quadradas e duas redondas lizas dous frasquinhos quadrados e hum pucarinho com sua tapadoura e aza huma tigelinha com tapadoura e aza huma caixinha quadrada huma caixa de almofada de alfinetes hum jarro e huma bacia ovada com seus pes huma salva ovada e outra redonda huma campainha liza huma escova quadrada e huma escovinha de prata hum espelho com moldura dourada e hum pano de brocado tudo da mesma sorte que esta carregado e confrontado a f. 115 do dito livro.

Huma colher garfo e faca com cabo de prata tudo da maneira que esta carregado e confrontado a f. 115v.

Hum jarro de prata com sua tapadoura carregado e confrontado a f. 116.

Dous frascos de prata quadrados e lizos carregados e confrontados a f. *ut supra*.

Huma crus de prata com seu crucefixo e esta carregado e confrontado a f. 116v.

/f. 208/ Dous castiçaes de prata a romana com pes em traiangollo carregados e confrontados a f. 116v.

Dous castiçaes mais pequenos do mesmo feitio carregados e confrontados a ditas f. *ut supra*.

Tres sardis da China assim da maneira que estão carregados e confrontados a f. 118v.

Huma palheta de prata para o sal assim e da maneira que esta carregada e confrontada a f. 119.

Huma tigella de duas azas grande com armas reaes que entregou em lugar da que lhe estava carregada com cabo e armas a f. 112 do dito livro em razão de se haver feito a sua entrega da mesma que no dito assento estava carregada e como se declara em huma certidão do ourives Manuel Nunes que ficou com o decreto da entrega que o dito guarda joyas fez della a D. Catherina Thereza Duverge em cuja mão se mandou desfazer.

Huma confeiteira de prata liza com tapadoura huma cantibora com bocal cadea e fumil e hum saleiro redondo lizo e dourado tudo da mesma sorte que esta carregado e confrontado a f. 120v.

/f. 208v./ Hum profumador de prata carregado e confrontado a f. 121.

Quadro caixões da India grandes e assim e da maneira que estão carregados e confrontados em o primeiro e segundo assento de receita a f. 121v.

Hum bordão com cabeça de calambuco e com vinte diamantes rozas assim como esta carregado e confrontado a f. *ut supra*.

Entregou mais que lhe não estavam em receita no dito livro a mais peças de ouro e prata roupa e mais móvel seguinte.

Hum oratorio de prata com uma lamina de Nossa Senhora de marfim com minino e letreiro ao pe que diz casa de Deos com pianha ao pe colunas e dosel tudo de prata.

Hum sesto de feligrana de prata grande.

Hum taboleiro da mesma filegrana de prata.

#### Prata de Alemanha

/f. 209/ Hum toucador que Sua Magestade a Rainha Nossa Senhora deu a Senhora Infante que Deos tem e nelle as peças seguintes todas douradas a saber hum espelho com a moldura de prata lavrada duas caixas grandes quadradas com seus pés quatro caixas mais piquenas sextavadas humas e outras lavradas huma tigella com sua tapadoura e azas hum profumador com tapadoura e seu cabo de pao dous frasquinhos sextavados com suas tapadouras hum prato ovado e seu jarro dous castiças e dous pratos mayores e dous mais piquenos duas bandeginhas sextavadas dous pires ovados com seus pes huma faca com cabo de prata e hua colher do mesmo dous copos com suas tapadouras huma salva com seu pe hum garfo e huma tizoura de espivitar com sua salva huma campainha e hum saleiro sem tapadoura todas as peças sobreditas he a mesma obra.

Dous veladores de prata dourada grandes e dourados.

Dous bandejões de prata dourados e lavrados.

Dous sestos grandes com suas tapadouras.

Dous vasos grandes com suas azas de feitio de jarrões.

Hum estojinho de sapa negro com huma colher garfo e cabo de faca de prata que tudo foi dourado e certado.

/f. 109v./ E todas as ditas peças contheudas neste inventario asima e atras de folhas huma the oito ordenou a Rainha Nossa Senhora lhe fossem entregues em sua mão propria e na mesma forma lhe fez entrega o dito guarda joyas Manoel de Carvalho e assim o ouve por desobrigado tocante ao aqui declarado na forma do decreto de Sua Magestade a que junto ao pe do qual começou esta despeza e aqui asinou a mesma Senhora em Lixboa 28 de Dezembro de 1692. Com a rubrica da Rainha Nossa Senhora.